

INVESTIGAÇÃO CLÍNICA DA PERSONALIDADE DE ADOLESCENTES HOMICIDAS ATRAVÉS DO PROCEDIMENTO DE DESENHOS-ESTÓRIAS*

Antonio Cláudio Mazzaro **

RESUMO

O presente estudo teve como objetivo realizar a investigação clínica da personalidade de dezoito (18) adolescentes homicidas, utilizando-se do Procedimento de Desenhos-Estórias de W. Trinca e de informações derivadas da história de vida dos clientes.

Os resultados permitiram o exame de dinâmismos da personalidade desses adolescentes em relação às Figuras Parentais, Impulsos Destrutivos, Impulsos Amorosos, Controle dos Impulsos Destrutivos, Características do Super-Ego e Natureza das Relações Objetais.

O estudo mostrou que o Procedimento de Desenhos-Estórias, quando usado como técnica-auxiliar de diagnóstico psicológico de clientes homicidas, apresenta uma série de utilidades.

INTRODUÇÃO

A violência vem-se tornando cada vez mais um tema de preocupação social nos tempos atuais.

Entre os inúmeros tipos de violência, os mais preocupantes parecem ser aqueles onde os objetos de agressão são os próprios seres humanos. Isto decorre certamente de que a organização social privilegia os mecanismos de manutenção da espécie humana e toda atuação no sentido de destruição da vida é um perigo a ser evitado.

Neste vasto campo de estudos, interessamo-nos pelo exame de uma forma particular de violência dirigida à pessoa, ou seja, a realização do homicídio.

Nosso interesse científico aliou dois aspectos diferentes na investigação: de um lado, pretendemos estudar elementos psicodinâmicos das personalidades de adolescentes que cometeram homicídio; por outro, quisemos verificar as possibilidades do Procedimento de

* Baseado na Dissertação de Mestrado apresentada ao Departamento de Pós-Graduação em Psicologia da PUCCamp, 1984.

** Psicólogo Clínico com Mestrado pela PUCCamp.

Desenhos-Estórias (1) (Trinca, 1976), como instrumento de investigação clínica da personalidade de adolescentes homicidas.

A partir desse contexto, tivemos como objetivos:

- a) verificar os aspectos psicológicos que emergem nas produções individuais no D-E;
- b) comparar esses aspectos psicológicos entre os examinados (2), verificando a existência de aspectos comuns no grupo estudado;
- c) na existência de aspectos psicológicos comuns, discutir suas relações com o comportamento homicida dos E;
- d) verificar a capacidade do D-E em detectar fenômenos mentais relevantes para a compreensão do comportamento homicida;
- e) verificar a utilidade do D-E como técnica auxiliar no diagnóstico psicológico do tipo de clientes estudado.

METODO

A - Caracterização dos Sujeitos

Número:	18 adolescentes homicidas
Sexo:	Masculino
Nível Intelectual:	QI superior a 79 ou Percentil Superior a 11 (Sujeitos não Deficientes Mentais psicometricamente (3)).

Nível de Escolaridade: até no máximo 1º grau completo

Renda Familiar: até 3 salários mínimos regionais

Os examinandos foram internos de Instituição destinada à reabilitação de menores infratores.

B - Instrumentos

Os dados foram coletados a partir da utilização de cinco instrumentos: Prontuário do Menor, Entrevista com Psicólogo responsável pelo caso, Teste de Nível Intelectual, Entrevista com o Examinando, Procedimento de Desenhos-Estórias.

^{1/} Doravante designaremos por D-E o Procedimento de Desenhos-Estórias.

^{2/} Examinando será a denominação dos adolescentes componentes do grupo estudado, cuja sigla será E.

^{3/} Conforme a A.A.D.M (Associação Americana para a Deficiência Mental).

C - Procedimentos

1. Critérios para Homoginização dos Examinandos

O grupo de examinandos foi homoginizado com relação à Idade, Renda Familiar, Nível de Escolaridade, Nível intelectual. Os critérios dessa homoginização foram enunciados anteriormente no item A.

Sendo a variável Homicídio de capital importância no estudo, requereu cuidados especiais que merecem melhor esclarecimento.

A autoria do homicídio foi constatada a partir do parecer do Juiz de Menores constante do Prontuário do Menor.

No grupo de examinandos estudados **não** foram incluídos os elementos que:

- a) realizaram tentativas de homicídio, mesmo que estas tenham ocorrido mais de uma vez ou que a morte da vítima tenha sido evitada por intervenções médicas rápidas e eficientes;
- b) não tiveram participação ativa nos homicídios realizados por mais de uma pessoa;
- c) praticaram homicídio acidental (não intencional).

2. Coleta de Dados

O Examinador (4) era comunicado da presença de casos elegíveis pela psicóloga da Instituição de Reabilitação.

O examinador dirigia-se à instituição onde fazia uso do Prontuário do Menor e realizava a Entrevista com o Psicólogo responsável pelo caso.

Ratificava ou não a elegibilidade do caso e registrava os dados relevantes. Sendo o caso elegível, passava à utilização da Entrevista com o Examinando e aplicação do Procedimento de Desenhos-Estórias.

3. Avaliação do Procedimento de Desenhos-Estórias

A avaliação dos dados obtidos na aplicação do D-E compreendeu duas fases: **Análise e Interpretação**

Tal como define Trinca (1976, pág. 56), a Análise consiste no processo de levantamento e extração de informações significativas, enquanto que a Interpretação é entendida como o processo de composição harmônica e integração coerente de elementos significativos em um conjunto.

Na fase de **Análise**, utilizamos a técnica de análise por inspeção do material sugerida como uma possibilidade pelo autor do D-E (idem, pág, 57).

A Interpretação dos dados do D-E foi realizada através de:

^{4/}

O Examinador foi para todos os casos o autor deste estudo.

seleção de aspectos essenciais, áreas conflitivas, consideração de conjunto, seqüência das cinco unidades de produção e utilização de dados derivados de referências externas (idem, pág. 62 a 63).

A partir da interpretação, obtivemos uma sùmula interpretativa de cada D-E, estória por estória.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Partimos de três referenciais na análise dos dados, para obtenção dos resultados, como seguem: Análise por Categorias Relevantes, Análise dos Processos Mentais mais significativos, Análise do uso do Procedimento de Desenhos-Estórias com Adolescentes Homicidas.

Através da técnica de análise por livre inspeção do material projetivo, obtivemos um conjunto de dados interpretativos (repostas), estória por estória para cada examinando.

Utilizando-se do processo de redução de respostas dos dezoito examinandos, pudemos estabelecer um conjunto de catorze categorias (áreas de manifestação de fatores dinâmicos da personalidade). Verificamos a presença de repostas dos examinandos nas categorias; na presença de resposta detectamos o conteúdo da mesma, utilizando-o para análise.

Das catorze categorias, obtivemos um conjunto de seis (6) Categorias Relevantes, definidas pelo critério de apresentarem repostas em pelo menos metade dos examinandos.

Registramos as catorze categorias e as seis Categorias Relevantes:

Categorias: 1) Figura Paterna; 2) Figura Materna; 3) Necessidades e Desejos; 4) Impulsos; 5) Características Prevalentes nas Relações Objetivas; 6) Conflitos Preponderantes; 7) Natureza do Super-Ego; 8) Auto-Imagem e Auto-Conceito; 9) Recursos Egóicos; 10) Ansiedade; 11) Sentimentos de Culpa; 12) Genitalidade; 13) Fantasias; 14) Figuras Fraternas.

Categorias Relevantes: 1) Figura Paterna; 2) Figura Materna; 3) Necessidades e Desejos; 4) Impulsos; 5) Características Prevalentes nas Relações Objetivas; 6) Conflitos Preponderantes.

A - Discussão dos Resultados da Análise por Categorias Relevantes

Nesta tentativa de análise dos resultados a partir das categorias relevantes, algumas aproximações interpretativas puderam ser realizadas.

1. Categoria Relevante: Figura Paterna

As referências à Figura Paterna se dividiram em dois grupos: referência à Figura Paterna que não demonstra amor pelo filho e referência à Figura Paterna que demonstra ódio pelo filho.

Verificamos que os pais reais dos examinandos, na maioria dos casos, ou estavam ausentes do lar (por separação conjugal ou morte) ou, quando presentes, apresentavam sérias dificuldades de relacionamento com a mulher e filhos (por alcoolismo, condutas violentas, desarmonia conjugal). Diante da constatação do exame do D-E, de que as imagens paternas inconscientes eram frequentemente negativas no grupo de examinandos, fomos levados à hipótese de que tais imagens vêm sofrendo ratificação a partir dos dados da realidade, já que os pais reais ou estavam ausentes, ou eram inadequados, principalmente por serem violentos e não-amorosos.

Este fato ilustra as conclusões de Melanie Klein (1970, pág. 234 a 252), ao se referir à questão da diferenciação entre a personalidade neurótica e personalidade criminal, onde nesta última os conflitos inconscientes são ratificados pelos dados da realidade e de certo modo ampliados por ela, ao passo que nos neuróticos os conflitos se restringiriam à vivência interna inconsciente.

2. Categoria Relevante: Figura Materna

No tocante às referências à Figura Materna, o que se depreendeu de um modo geral foi a incapacidade de esta figura satisfazer anseios afetivos, muitas vezes bastante primitivos, como a satisfação de necessidades orais.

Embora a presença da mãe biológica no lar fosse muito frequente no grupo, há que se discutir as reais possibilidades de essa presença ser eficaz no sentido de satisfazer as necessidades de afeto. Alguns fatores pareceram colaborar para a diminuição da capacidade da mãe em satisfazer os filhos neste sentido: um número médio de cinco filhos, baixas condições sócio-econômicas, necessidade de a mãe trabalhar fora do lar, dificuldade nas relações conjugais, etc.

Na realidade pode ser que a interação destes fatores levou a uma relação mãe-filho quantitativa e qualitativamente deficitante em nosso grupo de estudo. Embora variáveis pessoais da mãe real, como suas condições emocionais, fossem fundamentais, não foram passíveis de serem examinadas por não termos informações para todos os casos.

A semelhança da Figura Paterna, há evidência de que as figuras maternas introjetadas com características negativas obtiveram uma ratificação pelas circunstâncias de realidade em muitos dos casos.

3. Categoria Relevante: Necessidade e Desejos

A análise das referências nesta categoria refletiu ou demonstrou as conseqüências das ações parentais insatisfatórias, antes assinaladas, nas duas categorias anteriores.

Foi patente o reclamo inconsciente por melhores condições com relação ao receber carinho e atenção para poder crescer satisfatoriamente no aspecto emocional. As referências foram verdadeiras fantasias inconscientes de cura no sentido a elas atribuídos por Aberastury (1979, pág. 112). Muitos examinandos expressaram tais

fantasias de cura ao apresentarem referências ao de que necessitam para crescer emocionalmente em melhores condições.

A introjeção de figuras parentais amorosas se afigura como a possibilidade tanto de virem a ser capazes de manifestar as tendências dos impulsos amorosos, quanto a chance de tais impulsos oferecerem oposições aos impulsos destrutivos através de sua inibição ou modificação positiva.

4. Categoria Relevante: Impulsos

O quadro apresentado na categoria anterior aqui se mostra bem diferente, pois nesta análise emerge com clareza o potencial dos impulsos destrutivos. As referências aos impulsos destrutivos foram constantes. O temor de que os bons objetos sejam destruídos interna e externamente apareceu com frequência; ao lado desse fato, surge o receio de que as forças de contenção dos impulsos destrutivos sejam insuficientes; a possibilidade de perda do controle com a erupção de todo o potencial destrutivo permeia as referências aos impulsos.

5. Categoria Relevante: Características das Relações Objetais

Esta análise indica dois aspectos diferentes: um grupo de seis examinandos fez referências à presença de maus objetos internos, dotados de destrutividade e com caráter persecutório. Outro grupo de cinco examinandos fez referências à presença de bons objetos internalizados, cuja ação reparadora é pequena, além do temor que tais objetos estivessem destruídos ou inoperantes.

Estes dados sugerem um mundo interno dominado pela presença de objetos maus ou cujos objetos bons não podem cumprir seu papel reparador ou restaurador. Os impulsos amorosos encontram sérias dificuldades para realizar sua função construtiva.

6. Categoria Relevante: Conflitos Predominantes

A análise desta categoria atesta um estado de luta interna entre as tendências reparadoras dos impulsos amorosos e as desagregadoras dos impulsos destrutivos. Manifestamente esta luta surgiu na forma de conflito entre o bem e o mal.

Ainda que surjam tendências à reparação, o material sugere que as tendências destrutivas são poderosas e os recursos egoicos para fazer frente a essas tendências são limitados. É o que se desprende do exame das referências encontradas nestas últimas duas categorias examinadas.

Tentando examinar o quadro geral sugerido a partir das observações das categorias relevantes e de suas interrelações, surgem algumas hipóteses que passamos a considerar no seu conjunto.

Parece que uma característica marcante dos examinandos é o fato de terem tido dificuldades na introjeção de bons objetos, na medida em que necessidades primárias de amor não puderam ser satisfeitas.

As primitivas projeções dos impulsos destrutivos, em cer

ta medida, foram confirmadas por atuações não amorosas das figuras parentais. Com isso a reintrojeção destes maus objetos foi realizada sem as modificações favoráveis que uma vivência emocionalmente satisfatória poderia ocasionar.

A preponderância dos impulsos destrutivos pode estar relacionada tanto às dificuldades na inibição dos mesmos quanto aos problemas relacionados à capacidade de reparação.

O que percebemos na realidade são referências pouco frequentes às capacidades de reparação. Há evidência no entanto que os esforços no sentido de inibição dos impulsos destrutivos, sejam a forma predominante de manejo dos mesmos ou pelo menos uma tentativa de os realizar.

Se os recursos egóicos surgem como débeis com relação ao manejo dos impulsos destrutivos, o mesmo não se pode dizer em relação a exigências superegóticas quanto ao que se fazer diante da presença destes poderosos impulsos.

Há indicadores de que o Super-Ego nestes casos aja de forma implacável, quanto às punições pela ação dos impulsos destrutivos. Prevalcem as características do Super-Ego primitivo, que exige punições com o mesmo teor de violência que apresentam os impulsos destrutivos a serem punidos. Não há benevolência ou compreensão. A Lei de Talião é preponderante; deve ser olho por olho, dente por dente.

B - Discussão da Análise dos Processos Mentais mais Significativos

Ao acompanharmos cada um dos casos através de informações referentes a sua história de vida e de suas produções nos D-E, pudemos constatar que muito dos indicadores surgidos em função da Análise de Categorias ganharam magnitude e maior compreensão.

Isto ocorreu principalmente ao se considerar cada caso individualmente, porque percebemos que as afirmações com relação ao grupo encontram sérias limitações metodológicas.

No entanto, ao se tentar pensar no grupo como sendo melhor homogeneizado em termos de natureza do homicídio, em dois sub-grupos (Homicídio Cruel e Homicídio Não Cruel) (5), surgiram alguns indicadores importantes.

Há evidências de que nos Homicídios Cruéis a introjeção de figuras parentais boas ficou mais prejudicada. Outro aspecto é que os impulsos se apresentam com maior intensidade e menor controle.

-
- 5/ Homicídio Cruel: atos homicidas caracterizados por apresentam pelo menos um dos aspectos: premeditação, requinte de perversidade, frieza na execução, motivos banais, homicídio em situação de assalto (latrocínio)
- Homicídio Não Cruel: atos homicidas que não apresentam nenhuma das características do Homicídio Cruel.

Nesses examinandos as tendências reparadoras surgiram com menor clareza, dentro das suas produções no D-E. Supomos que nestes casos o poder dos impulsos destruidores esteja sobrepujando os recursos dos impulsos amorosos.

A característica mais marcante observada nos Homicidas-Não Cruéis são as tendências dos impulsos amorosos para realizarem a reparação. São os casos em que surge com maior destaque a esperança de que a reparação é possível. Há indicadores de que as medidas reparadoras são tentadas e buscadas.

Por outro lado, as características de um Super-Ego rígido e às vezes cruel surgem em casos de ambos os sub-grupos; na verdade essa é uma característica clara do grupo como um todo. Este fato fica claro dentro do conflito básico revelado entre os impulsos destrutivos e amorosos, cuja manifestação se deu de modo generalizado.

O exame dos casos mostra um outro fato muito freqüente: é o temor de que os recursos egóicos sejam insuficientes para conter as tendências destrutivas; mesmo nos casos em que as tendências reparadoras aparecem com maior relevância, existe também o temor de que elas possam não ser eficazes.

De um modo geral constatamos que as fantasias relacionadas aos impulsos destruidores referem-se a eles como sendo poderosos e de que o seu controle pode ser perdido em determinados momentos. Quando isto ocorre, eles se apresentam com muita intensidade e provocam a destruição.

Em alguns casos é possível compreender qual o significado inconsciente desta perda de controle dos impulsos destruidores: ela surge como uma invasão da vida consciente, impossibilitando seu controle. Parece que a realidade fica obscurecida por estes impulsos que se impõem e a destruição é possível. Sugere-se a hipótese de que a realização do homicídio é possível pela predominância de núcleos psicóticos internos, que saem do controle usual.

A lado das características de um Super-Ego rigoroso, percebemos a presença de fortes sentimentos de culpa e um intenso temor de destruição de si como forma de castigo a ser aplicada pelas desobediências às normas.

Neste sentido concordamos apenas em parte com as afirmações de Storr (1976, p. 123), quando ele caracteriza aspectos do ódio nos indivíduos que denomina psicopatas agressivos: "*Sua agressão e ódio permanecem diretamente exteriorizados e, quando inibidos, não são voltados para dentro contra o eu. Esse fato explica tanto a ausência de depressão verdadeira quanto a falta de qualquer sentimento de censura de si mesmo ou de culpa*" (grifo nosso).

Nossos dados sugerem a presença de impulsos destrutivos dirigidos aos objetos externos, mas há indicadores de sentimentos de culpa e intensa censura de si mesmo.

Somos levados a concordar com as idéias de Melanie Klein quando ela sugere a presença de poderosos sentimentos de culpa nestes indivíduos, além de uma tendência à repetição dos atos delitu-

sos dirigidos a figuras substitutivas como forma de reduzir tais sentimentos inconscientes (Klein, 1970, pág. 249).

C - Discussão da Análise do Uso do Procedimento de D-E com Adolescentes Homicidas

Nossa utilização deste instrumento de investigação Clínica da personalidade (D-E) neste grupo de adolescentes homicidas indicou que ele apresenta bons recursos para obtenção de informações sobre aspectos da vida mental inconsciente desses clientes.

Uma contribuição marcante ocorre com relação à diminuição das resistências conscientes, que normalmente caracterizam esse tipo de clientela. Não restam dúvidas porém que o D-E deve ser utilizado como um instrumento auxiliar no diagnóstico psicológico. Talvez essa vantagem com relação à superação de resistências possa justificar sua utilização como técnica auxiliar.

Há indícios porém de que nessa clientela este instrumento traga contribuições adicionais, já que proporcionou informações sobre motivações inconscientes dos delitos em alguns casos. Em outros casos possibilitou levantar hipóteses sobre o potencial de recuperação.

Outro aspecto positivo de sua utilização se referiu à boa aceitação da tarefa solicitada no procedimento, ou seja, fazer desenhos e contar histórias. Já frisamos que, apesar da existência de resistência, elas puderam ser facilmente superadas com os adolescentes até quinze anos.

Ainda que tenhamos examinado apenas dois casos com idade superior e houvesse indícios de menos aceitação da tarefa, com sinais de maiores resistências, julgamos que seriam de importância outros estudos com o objetivo principal de avaliar as possibilidades reais do instrumento no exame de adolescentes mais velhos, adultos jovens e adultos. Estudos recentes já demonstraram a utilidade do D-E com adultos psicóticos esquizofrênicos (Mestriner, 1982) e com adultos psicóticos maníaco-depressivos (Sallum, 1984), o que parece ratificar nossa sugestão acima.

Diante da capacidade de mobilização do D-E e das possibilidades que ele propicia no sentido de entrarmos em contato com material inconsciente dos examinandos, cabem aqui algumas considerações de natureza ética.

A simplicidade das tarefas exigidas do examinando não nos deve iludir quanto à tarefa árdua do profissional que utiliza o D-E. A técnica de aplicação deve ser rigorosamente seguida, além de se exigir para a análise do material razoável experiência clínica. Por isso, a utilização do D-E é exclusiva de Psicólogos, conforme lhes faculta a lei que regulamenta o exercício profissional do Psicólogo (Lei nº 4119, de 1962).

Na medida em que o D-E nos coloca diante de aspectos tão íntimos dos examinandos, há necessidade de cuidados com relação à confidencialidade e a utilização dessas informações.

Nas mãos de pessoas inábeis ou que não atentem para os preceitos éticos, o D-E pode se tornar um instrumento poderoso para causar prejuízos aos examinandos que tão inadvertidamente expõem aspectos de sua vida mental inconsciente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nosso objetivo básico neste trabalho foi o de realizar um estudo exploratório da personalidade de adolescentes homicidas, privilegiando a utilização do Procedimento de Desenhos-Estórias como instrumento de investigação da personalidade.

Nesse sentido seria temerário denominarmos nossos achados de conclusões; preferimos caracterizar muitas das idéias que seguem como hipóteses de trabalho, a serem verificadas ou reavaliadas através de estudos posteriores.

Percebemos em nossos examinandos um clamor generalizado pela satisfação de necessidades primitivas, que em última análise se relacionam à introjeção de objetos bons e amorosos.

A ausência desses objetos, ou as dificuldades de os mesmos realizarem seu papel construtivo para o desenvolvimento emocional, cria uma situação de intenso conflito interior.

Esse conflito se refere à luta entre os impulsos amorosos e destrutivos, com a presença de ansiedades persecutórias e ansiedades depressivas.

Os recursos egóicos para fazer frente à situação conflituosa de vida instintiva parecem ser limitados e o temor inconsciente de que possam prevalecer as forças destrutivas é um dado subjacente ao material projetivo de muitos examinandos.

A vivência inconsciente de poderosas ansiedades e sentimentos de culpa decorrem da presença de um Super-Ego com características punitivas e cruéis. O temor à retaliação aparece muitas vezes explicitamente. Somos tentados a relacionar tais características às idéias de Paula Heimann (in Klein, 1972, pág. 175) sobre a organização primitiva da mente infantil, no tocante às punições: *"Essa punição por um objeto interno é uma espécie de retaliação que também decorre do caráter da relação objetal infantil, da fusão entre o eu e o objeto interno. Como uma criança projeta os seus próprios impulsos em seus objetos (onde quer que os situe, internos ou externos), espera que esses objetos lhe façam o que ele lhes fez (ou imaginou que fez) ... Além disso o medo de retaliação pelo objeto interno é transferido de novo (projetado) para o objeto externo, para as pessoas reais no mundo externo"*.

Nesses examinandos que executaram a destruição do objeto, através de homicídio, as ansiedades paranóides deixam de ser uma expectativa, ganhando conotações da certeza da retaliação. Ainda mais quando as normas sociais neles vêm reforçando as idéias de punição exemplar pelos seus delitos.

Diante da presença de poderosos impulsos destrutivos e com as dificuldades de introjeção de bons objetos (derivadas muitas vezes de relações precárias com as figuras parentais), parece que a

tendência seria a confirmação do ódio interior e a correspondente crueldade dos castigos superegóticos.

Para M. Klein (1970, pág. 249) o estado interno acima assinalado impede, através de um recalque poderoso, a sublimação e des^carga através das fantasias dos impulsos destruidores, restando ao delinqüente somente a possibilidade de "*repetir continuamente o de sejo e o medo, praticando os mesmos atos*".

Na realidade a questão de por que as pessoas matam é extremamente complexa e as respostas estão por vir.

Tivemos uma dimensão desta complexidade ao verificar diferentes constelações de fatores psíquicos ao compararmos, ainda que de forma incipiente, o grupo de Homicidas Cruéis com os de Homicidas Não-Cruéis.

Independentemente de classificações que possamos fazer com relação à natureza do homicídio, o que verificamos é que nesses grupos existem diferenças no poder dos impulsos destrutivos e dos impulsos amorosos.

No entanto, o que se apresentou como comum é a natureza do estado mental durante a realização do ato homicida: este é um momento em que as possibilidades de controle dos impulsos destrutivos desaparecem e eles invadem a vida consciente de maneira avassaladora. É a preponderância dos núcleos psicóticos da mente.

As possibilidades de reabilitação após o ato homicida dependem das condições usuais da personalidade e do equilíbrio possível entre os impulsos destrutivos e amorosos. O estudo desses fatores requer sempre um exame acurado da personalidade de cada cliente com os reduzidos recursos de investigação psicológica disponíveis e os não muito extensos conhecimentos da personalidade com relação à previsão dos atos que levam à destruição de vidas humanas.

Esperamos que nosso estudo da utilidade do Procedimento de Desenhos-Estórias no exame da personalidade de adolescentes homicidas possa ter trazido alguma colaboração no sentido de ampliar o instrumental para o exame psicológico desse tipo de cliente.

O D-E mostrou sua utilidade sendo aqui usado como técnica principal no exame destes clientes. Acreditamos que, utilizado como um elemento auxiliar no exame psicológico dessa clientela, poderá trazer benefícios importantes, na medida em que suas informações poderão ser confrontadas com as originadas de outros instrumentos de avaliação diagnóstica.

Queremos deixar a sugestão para os psicólogos ligados à delinqüência juvenil, em particular, e para os profissionais da área de psicodiagnóstico em geral, de se utilizar o D-E como instrumento inicial na seqüência dos procedimentos para o processo de diagnóstico psicológico. Percebemos que o D-E pode ser útil no sentido de atuar como facilitador de contatos posteriores com os clientes, além de fornecer inúmeras hipóteses a serem posteriormente confrontadas com outros dados do processo de psicodiagnóstico.

Nossas palavras finais são com o intuito de ainda repisar sobre limitações inerentes ao nosso estudo e chamar a atenção para o cuidado que se deve ter na utilização das idéias por nós formula

das.

Ainda que não tivéssemos como objetivo primário realizar uma validação do D-E para essa clientela, teria sido de grande valia para aumentar o grau de fidedignidade de nossas observações a constituição de um grupo de controle que atuasse como um parâmetro, nas tentativas de realizar comparações entre adolescentes homicidas e não-homicidas.

Realizaremos proximamente esse aprofundamento, com maior controle, através de projeto de pesquisa ampliando o presente estudo.

No âmbito do trabalho atual, acreditamos que esta limitação ficou amenizada pelo fato de o D-E ter sido validado em comparação com técnicas projetivas de reconhecido valor científico, como o "Children Apperception Test" (C.A.T.) de Bellak e o "Thematic Apperception Test" (T.A.T.) de Murray (Anzieu, 1978, pp. 137 3 seg.), con forma nos informa o Autor (Trinca, 1976).

Outra limitação foi a utilização do D-E como instrumento principal de investigação, talvez exigindo dele mais que seu real potencial de investigação ou utilizando-o de modo diferente do preconizado pelo seu autor. Julgamos porém que, dentro dos objetivos deste trabalho, o D-E mostrou excelentes recursos para a investigação de determinados aspectos da personalidade, o que porém não autoriza seu emprego fora das prescrições do autor, na prática clínica. So mente estudos adicionais poderão trazer subsídios científicos para modificação de sua forma de utilização.

ABSTRACT

The objective of the present study was to conduct the clinical investigation of the personality of eighteen homicidal adolescents, utilizing the Drawing-Story-Procedure by W. Trinca as well information derived from the patients' life history.

The results permitted the examination of the personality dynamics of these adolescent with relation to Parental Figures, Destructive Impulses, Loving Impulses, Controlling the Destructive Impulses, Alter-Ego Characteristics and The Nature of Objectal Relations.

The study showed that the Drawing-Story-Procedure, when used as an auxiliary-technique, for the psychological diagnosis of homicidal clients, was very useful.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABERASTURY, A. *Psicanálise da Criança*, Editora Artes Médicas Sul S/A., Porto Alegre, 1979.
- AL'OSTA, A.J.S. *Validação do Procedimento de Desenhos-Estórias em*

- *Pacientes Psicóticos Maníaco-Depressivos Hospitalizados*. Dissertação de Mestrado apresentada ao Instituto de Psicologia da Pontícia Universidade Católica de Campinas, 1984.
- BLOS, P. *The Adolescent Personality*. D. Appleton-Century Company, Inc. New York, 1941.
- FREUD, S. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, Imago Editora, 1972.
- FRIEDLANDER, K. *Psicanálisis de la Delinquência Juvenil*. Editora Paidós, Buenos Aires, 1972, 4ª edição.
- KLEIN, M & RIVIERE, J. *Amor, Ódio, Reparação: As Emoções Básicas do Ponto de Vista Psicanalítico*. Editora Imago Ltda., Rio de Janeiro, 1970.
- KLEIN, M. *Contribuição à Psicanálise*. Editora Mestre Jou, 1970.
- KLEIN, M. *Os Progressos da Psicanálise*. Editora Mestre Jou, ... 1972.
- LORENZ, K. *Civilização e Pecado*. Círculo do Livro S/A., São Paulo, 1973.
- MESTRINER, S.M.M.E. *O Procedimento de Desenhos-Estórias e Pacientes Esquizofrênicos Hospitalizados*. Dissertação de Mestrado apresentada ao Instituto de Psicologia da USP, 1982.
- OCAMPO, M.L.S et alii. *O Processo Psicodiagnóstico e as Técnicas Projetivas*. Livraria Martins Fontes, São Paulo, 1981.
- SEGAL, H. *Introdução à Obra de Melanie Klein*. Companhia Editora Nacional, São Paulo, 1966.
- STORR, A. *A Agressão Humana*. Zahar Editores, Rio de Janeiro, .. 1976.
- TRINCA, W. *Investigação Clínica da Personalidade*. Interlivros de Minas Gerais, Belo Horizonte, 1976
- TRINCA, W. *Formas de Pensamentos Clínicos em Diagnóstico da Personalidade*. Tese para Concurso de Livre Docência, apresentada ao Instituto de Psicologia da USP, 1981.
- WEST, D.J. *La Delinquência Juvenil*. Editorial Labor S/A., Barcelona, 1970.